

3 Panorama da repetência em escolas de prestígio do Rio de Janeiro

3.1 Objetivos e o Censo Escolar

Após o estudo sobre a defasagem escolar na América Latina, passei para uma escala menor, o Rio de Janeiro, e em lugar de focalizar a análise nos alunos, passei a analisar as instituições. Assim, neste capítulo observaremos o fenômeno da repetência por outro ângulo: como ele ocorre nas escolas que têm o melhor desempenho no Enem no Rio de Janeiro. Relacionei as 30 escolas que tiveram os melhores resultados no Enem de 2005 e 2006. Só considerei, no entanto, as 15 escolas que oferecem do ensino do fundamental até o ensino médio, pois me interessava justamente ver essas transições escolares numa mesma instituição.

O censo escolar oferece para analisar a Educação Básica três taxas de rendimento que são as taxas de aprovação, reprovação e abandono. Todas referentes à proporção de alunos da matrícula total na série k , no ano t , que são aprovados, reprovados ou que abandonaram a escola. Como o meu interesse era saber a proporção de alunos que não era promovida na escola para a série posterior, seja por transferência, seja por reprovação, criei uma taxa de não aprovação, subtraindo a taxa de aprovação por cem²⁵. Consegui desta forma fundir as taxas de reprovação e abandono. Utilizei os dados do censo escolar de 2003 a 2005 que foram os disponibilizados pelo Inep em 2008.

Os dados são aproximativos e servem apenas para ter uma visão geral da questão dada sua imprecisão. Esse fato já é conhecido tendo em vista que os censos escolares utilizados tinham como unidade de análise a escola e não o aluno, pois apenas no Censo Escolar de 2007 foi introduzida a identificação do aluno e de professor na coleta de dados.

Esta imprecisão fica ainda mais reforçada com a comparação com os dados das escolas do capítulo 4. Fiz o cálculo da taxa de reprovação que é “a proporção de

²⁵ É preciso dizer que nestas escolas as taxas de abandono foram tendentes a zero. As taxas de não aprovação refletem, portanto, na sua maior parte a taxa de reprovação.

alunos da matrícula total na série k, no ano t, que são reprovados”²⁶ e apurei na escola A1 disparidades muito grandes: as taxas do censo escolar estão muito menores do que de fato são. Os dados da escola A2, com exceção do 1º ano do ensino médio de 2003 e 2005, os dados são parecidos, como podemos ver na tabela a seguir.

Tabela 5 - Dados da escola A1 comparados com os dados do Censo Escolar de 2003 até 2005.

	Escola A1	Total Alunos	Reprovados	taxa de reprovação	
				Escola	Censo Escolar
2003	1EM	103	21	20,4%	7,3%
2003	8EF	98	3	3,1%	1,1%
2003	7EF	109	6	5,5%	4%
2003	6EF	166	2	1,2%	1,3%
2004	2EM	78	16	20,5%	3,3%
2004	1EM	107	15	14,0%	4,3%
2004	8EF	98	1	1,0%	0%
2004	7EF	162	11	6,8%	4%
2005	3EM	60	3	5,0%	5,1%
2005	2EM	91	9	9,9%	2,7%
2005	1EM	99	19	19,2%	9,5%
2005	8EF	145	4	2,8%	2,2%

Tabela 6 - Dados da escola A2 comparados com os dados do Censo Escolar de 2003 até 2005.

	Escola A2	Total Alunos	Reprovados	taxa de reprovação	
				Escola	Censo Escolar
2003	1EM	139	18	12,9%	2,2%
2003	8EF	132	8	6,1%	6,2%
2003	7EF	141	8	5,7%	5,8%
2003	6EF	126	8	6,3%	6,4%
2004	2EM	120	13	10,8%	10,3%
2004	1EM	124	9	7,3%	7,3%
2004	8EF	142	11	7,7%	7,8%
2004	7EF	130	8	6,2%	5,4%
2005	3EM	99	4	4,0%	4,1%
2005	2EM	125	6	4,8%	5,8%
2005	1EM	105	24	22,9%	17,8%
2005	8EF	142	4	2,8%	3,5%

²⁶ O censo escolar possui ainda a taxa de repetência que é uma taxa de transição, de fluxo escolar, que é a “proporção de alunos da matrícula total na série K, no t, que se matricula na série K, no ano t + 1.” (Glossário – edudata, site: inep.org. BR)

3.2 Observações Gerais

A leitura dos próximos gráficos mostra que todas as escolas recorrem à repetência. Isso provavelmente pode ser explicado por Crahay (apud Gomes, 2005): para que a ameaça de repetência seja de fato um estímulo para o trabalho dos alunos, é necessário que ela ocorra de forma constante com um determinado grupo de alunos. As não aprovações, no entanto, não ocorrem de maneira indistinta, de certa forma, tendem a ter padrões.

No primeiro segmento, há poucas não aprovações. Essa tendência talvez seja explicada pelo que foi apontado no trabalho de Negreiros (2005), sobre séries no ensino privado e ciclos no ensino público de Belo Horizonte. As escolas particulares adotam uma “solução de compromisso”, na qual existe uma incorporação das características dos ciclos sem a utilização da nomenclatura nem de uma regulamentação própria, mas adotam a seriação para atender as exigências da comunidade escolar, principalmente das famílias²⁷. Negreiros explica que uma das razões para a não adoção dos ciclos de maneira formal seria a representação polarizada que existe na sociedade sobre o regime de ciclos e a seriação. O primeiro surge como sinônimo de ensino de qualidade duvidosa e o segundo, como um ensino exigente, de qualidade.

Muitas escolas têm uma queda acentuada da taxa de não aprovação na 8ª série. Uma interpretação é que as escolas preferem não repetir seus alunos na 8ª série, atual 9º ano, porque normalmente nesse período é feita a formatura de conclusão do ensino fundamental e, dado o caráter simbólico do fato, é complicado reter o estudante nesse momento. Outra explicação possível é que nas transições escolares, isto é, da 4ª série do ensino fundamental para a 5ª, da 8ª série para o 1º ano do ensino médio, muitos alunos cogitam transferir-se das escolas por mudanças de interesse. Por exemplo, da 8ª série para o 1º ano, muitos alunos preferem estudar em “cursinhos” preparatórios de vestibular. Como a reprovação é em geral um forte motivo para a mudança de escola, talvez a baixa taxa de reprovação seja uma estratégia que as escolas adotem para não estimular a saída dos alunos.

²⁷ Conforme foi noticiado no jornal O Globo em 23/05/2010, o próprio Conselho Nacional de Educação vai recomendar às escolas públicas e às privadas que não reprovem os alunos nos primeiros três anos do ensino fundamental.

Algumas escolas mostram ter maiores índices de não aprovação no segundo segmento, decrescendo no ano final do ensino fundamental, voltando a crescer nos primeiros anos do ensino médio; outras têm suas taxas de não aprovação crescentes atingindo o ápice nos dois primeiros anos do ensino médio. Para as duas situações, podemos levantar como possível explicação que esse tipo de reprovação tenha um caráter seletivo: frente à iminência do vestibular, as escolas escolhem os melhores alunos para assegurar a boa imagem da escola. Tal imagem é a que “garante” a manutenção do fluxo de entrada dos alunos.

As taxas de não aprovação encontradas em algumas escolas são muito altas. Taxas em torno de 20% podem ser o equivalente a quase uma turma inteira da escola, o que significa que, no fim de um ano, 1/5 dos alunos da série tiveram suas trajetórias escolares descontinuadas, seja por terem sido transferidos para outros estabelecimentos, seja por terem ficado repetentes na própria escola. As altas taxas e a manutenção de um determinado padrão indicam possivelmente o caráter altamente seletivo de algumas dessas escolas.

3.3 As Escolas

Os dados do censo foram fornecidos para fins de análise e não foi permitida, pelo Inep, a divulgação dos nomes das instituições. Para caracterizá-las, utilizarei as taxonomias construídas por Ballion (apud Nogueira, 1998, p. 53), a partir da rede de estabelecimentos particulares da região parisiense, e a de Paes de Carvalho (2004), elaborada a partir dos percursos escolares dos graduandos de Engenharia Elétrica e Direito da PUC-Rio no ano de 2000. Para outras que não se enquadram nas categorias, fiz uma pequena descrição. Faço essa opção, porque ela oferece os elementos necessários para a compreensão do tipo de escola, sem possibilitar a sua identificação por meio das características que eu possa oferecer. Assim, apresentarei as categorias, as escolas de cada categoria e os gráficos correspondentes.

A. Seis escolas confessionais

Estes estabelecimentos poderiam ser incluídos nas seguintes categorias:

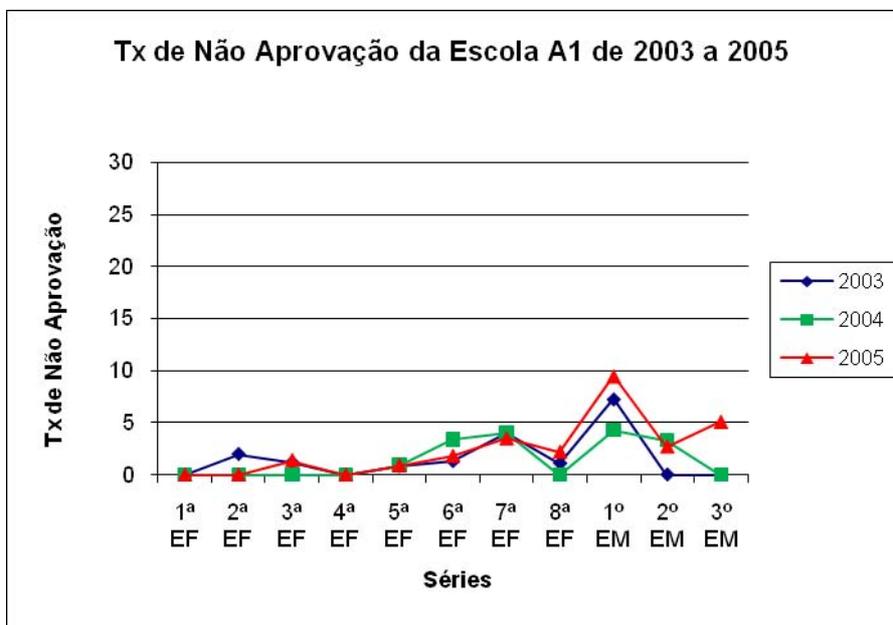
Ballion - Estabelecimentos de excelência:

são estabelecimentos tradicionais, reputados pela qualidade do ensino fornecido e pelo rigor da disciplina. Seu alto nível de exigência acadêmica aparece associado a uma forte seleção na entrada, como por exemplo a recusa de candidatos com histórico escolar insuficiente. Sua clientela é recrutada entre os favorecidos cultural e economicamente. (p. 53)

Paes e Carvalho - Empreendimentos institucionais:

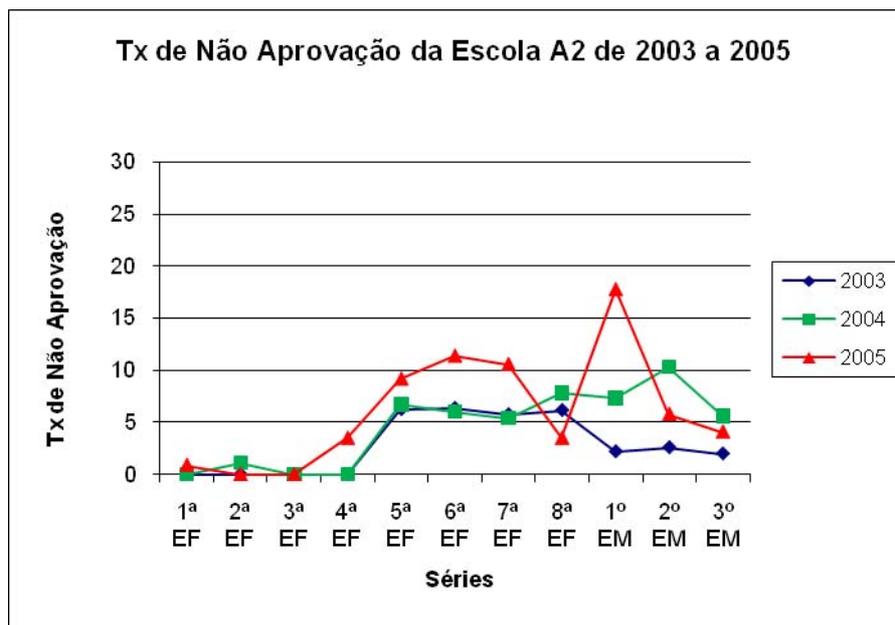
correspondem fundamentalmente ao conjunto das escolas confessionais tradicionais, nas quais podemos identificar duas características particulares: todas possuem uma Congregação Religiosa como mantenedora e, a definição da missão institucional propõe uma formação integral baseada em valores humanistas e religiosos, sem perder de vista a necessidade de uma integração socialmente responsável dos alunos à sociedade. (Paes de Carvalho, 2004, 113)

Gráfico 1 – taxa de não aprovação da escola A1 de 2003 a 2005



O gráfico da escola A1 apresenta linhas que quase se sobrepõem. Vemos, portanto, que o fluxo da escola é muito parecido todos os anos, com maiores reprovações na 6ª e 7ª série, um forte declínio na 8ª para ter um crescimento abrupto no 1º ano do ensino médio. Vale lembrar que de acordo com os dados apurados na escola as taxas de não aprovação do 1º e do 2º do ensino médio são muito maiores, pois são todas pelo menos duas vezes mais altas do que as indicadas pelo censo. No 3º ano do ensino médio, houve a maior variação nos anos de 2003 e 2004, quando foram todos aprovados, mas, em 2005, a escola teve 5% de não aprovações.

Gráfico 2 – Taxa de não aprovação da escola A2 de 2003 a 2005



No primeiro segmento do fundamental, assim como na escola A1, observamos uma grande aprovação na escola A2. Esta manteve uma curva acentuada no segundo segmento do ensino fundamental, como na escola A1, a diferença significativa é que a taxa de não aprovação é muito maior. No ensino médio, a escola A2 não tem um padrão, em 2003, teve uma não aprovação muito baixa (menos de 5%), para no ano de 2005 ter uma taxa muito alta (de quase 20%).

As escolas A3 e A4, como veremos a seguir, mantêm um padrão parecido nos três anos do censo. As curvas de não aprovação têm um crescente que chega ao máximo no 2º ano do ensino médio para ter um forte declínio no último ano escolar. Aqui mais uma vez observamos que, no primeiro segmento do ensino fundamental, o fluxo de alunos é contínuo, com a maioria sendo aprovada. A diferença entre essas duas escolas, a A3 e a A4, é que na A4 as taxas de não aprovação nos dois primeiros anos do ensino médio são quase duas vezes maiores do que na A3, mas o sentido da curva é o mesmo.

Gráfico 3 – taxa de não aprovação da escola A3 de 2003 a 2005

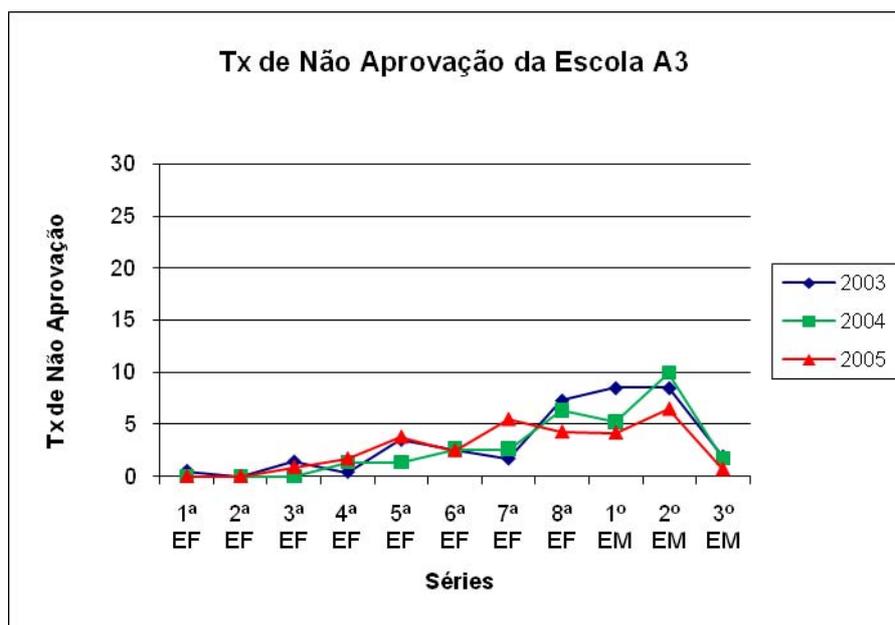
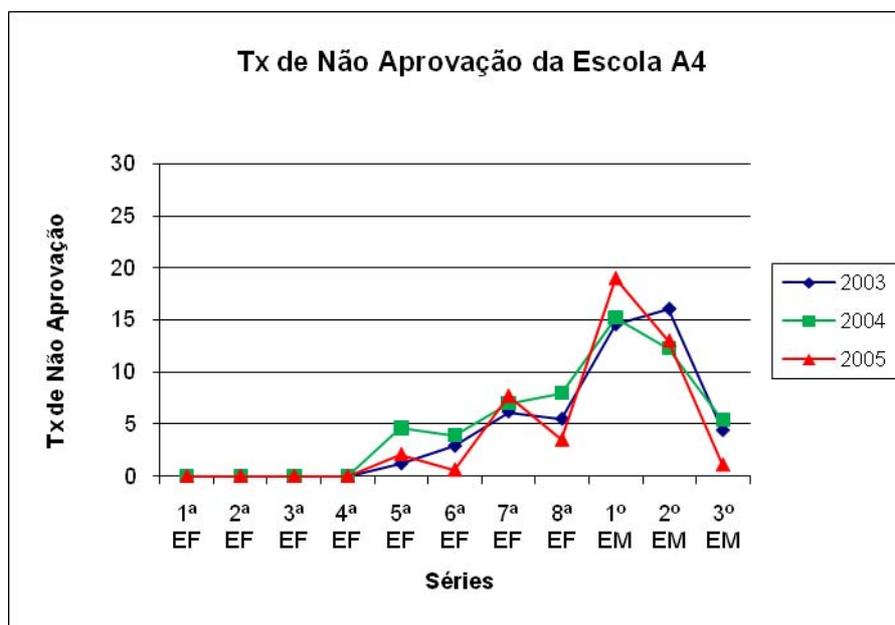
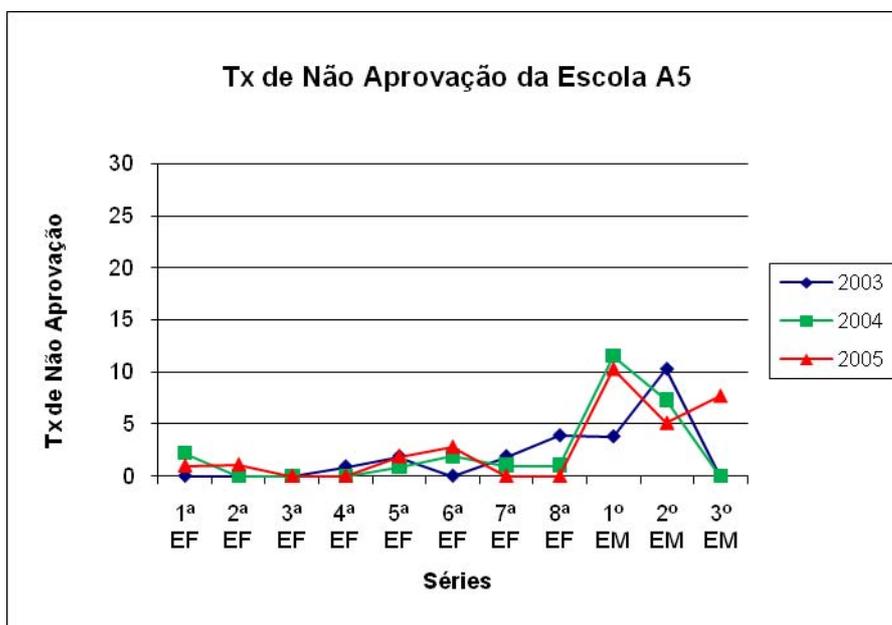


Gráfico 4 – taxa de não aprovação da escola A4 de 2003 a 2005



A escola A5 mantém o padrão das outras escolas, sua diferença maior está no fato de que os índices do segundo segmento apresentam uma elevação, embora muito pequena em relação às outras.

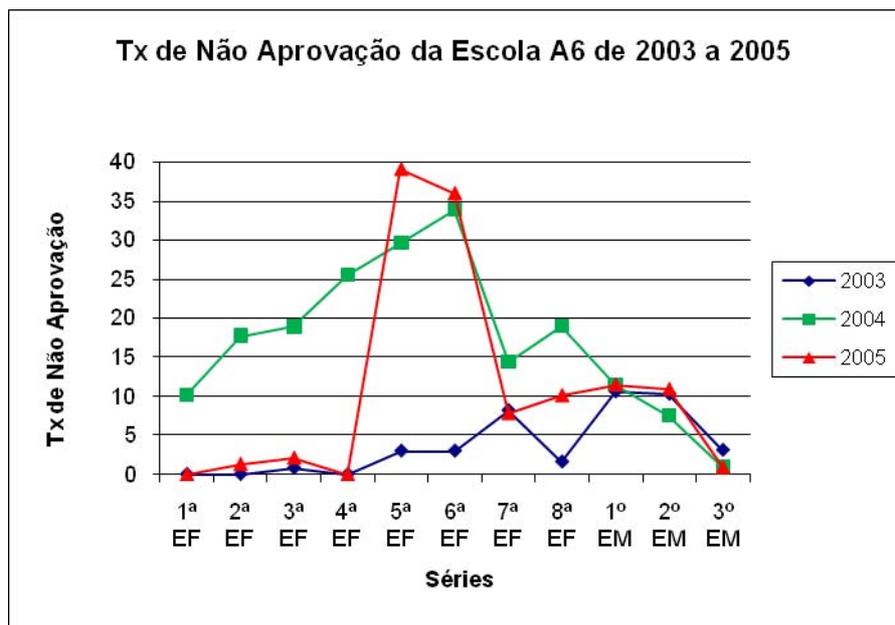
Gráfico 5 – taxa de não aprovação da escola A5 de 2003 a 2005



A escola A6 é a que apresenta um gráfico completamente diferente das outras escolas. Para começar, como ela teve uma taxa de não aprovação muito alta, chegando a quase 40% na 5ª série do ano de 2005, seu gráfico está em uma proporção diferente dos demais. Assim, se nos gráficos das outras escolas o limite é de 30%, na escola A6 o limite será de 40%. Apenas a curva de 2003 é semelhante à das demais escolas confessionais: quase nenhuma não aprovação no 1º segmento, uma elevação no segundo segmento do fundamental, uma queda abrupta na 8ª série para haver uma ascensão 10% no 1º ano do ensino médio.

As curvas de 2004 e 2005 apresentam situações muito diferentes. Em 2004, houve uma grande não aprovação na passagem da 4ª para a 5ª série. Podemos imaginar que mais do que uma taxa de reprovação muito alta, as famílias tenham tirado seus filhos da escola para evitar futuros fracassos escolares. Ballion (1977) já havia demonstrado que as famílias dessas camadas têm a chance de “apagar” o fracasso escolar. Aqui o que podemos interpretar é que as famílias mais do que apagar conduzem a escolarização dos filhos com muito cuidado para que não haja esse tipo de acontecimento. As taxas de não aprovação do 1º ano do ensino médio são altas, como as das demais escolas, por volta de 10%, para ter quase nenhuma não aprovação no 3º ano do ensino médio.

Gráfico 6 – taxa de não aprovação da escola A6 de 2003 a 2005



B. Três escolas alternativas:

Ballion - Estabelecimentos inovadores:

sua especificidade consiste na busca da inovação pedagógica, colocando grande ênfase no cuidado com a realização pessoal do educando. Sua clientela preferencial é composta de famílias originárias das frações modernistas das camadas favorecidas. Nesse tipo de estabelecimento, a excelência escolar não é explicitamente colocada como um objetivo, ela é mediatizada pela ação a ser exercida sobre a personalidade da criança com vistas ao desenvolvimento de suas múltiplas potencialidades. O que não impede a maior parte dessas escolas de fornecer a sua clientela as bases objetivas de um brilhante êxito escolar ulterior (p. 53).

Paes e Carvalho - Empreendimentos pedagógicos:

apresentam-se como empreendimentos construídos em torno de um ideário pedagógico sem, no entanto, deixar de enfatizar também o êxito alcançado no que se refere ao vestibular(2004, 117).

As escolas B1 e B2 seguem o padrão das demais analisadas até agora, qual seja, ter uma pequena taxa de não aprovação no primeiro segmento do ensino fundamental, ter uma elevação no segundo segmento e mais uma no ensino médio, ainda que com pequenas variações. Na escola B3, vemos uma diferença nas curvas. No ano de 2005, a grande não aprovação aconteceu na 7ª série e não no 1º ano do ensino médio. Nas curvas de 2003 e 2004, a B3 além de apresentar, diferente das demais, uma taxa de não aprovação baixa no segundo segmento, possui uma taxa muito alta, de quase 20%, no 1º ano do ensino médio.

Gráfico 7 – taxa de não aprovação da escola B1 de 2003 a 2005

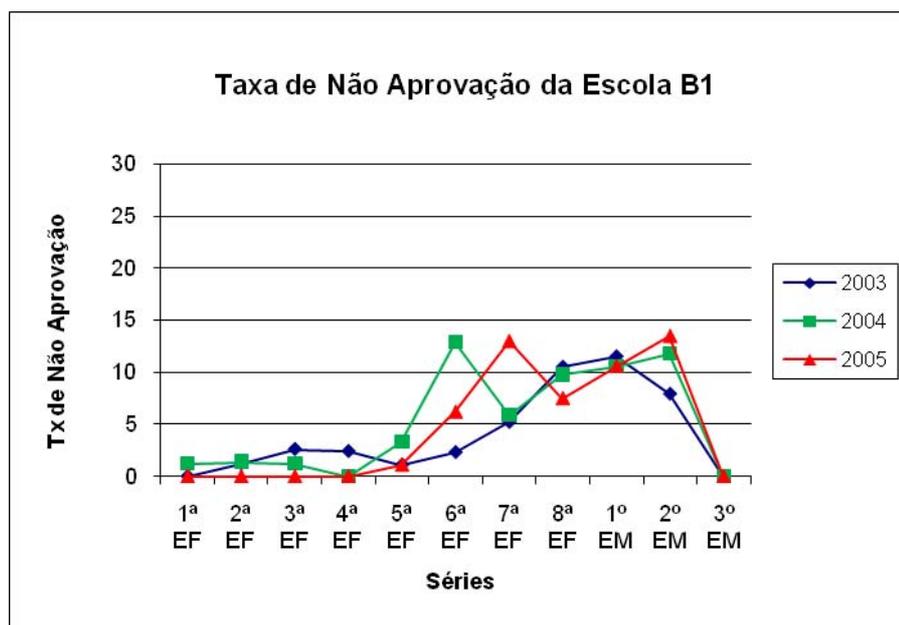


Gráfico 8 – taxa de não aprovação da escola B2 de 2003 a 2005

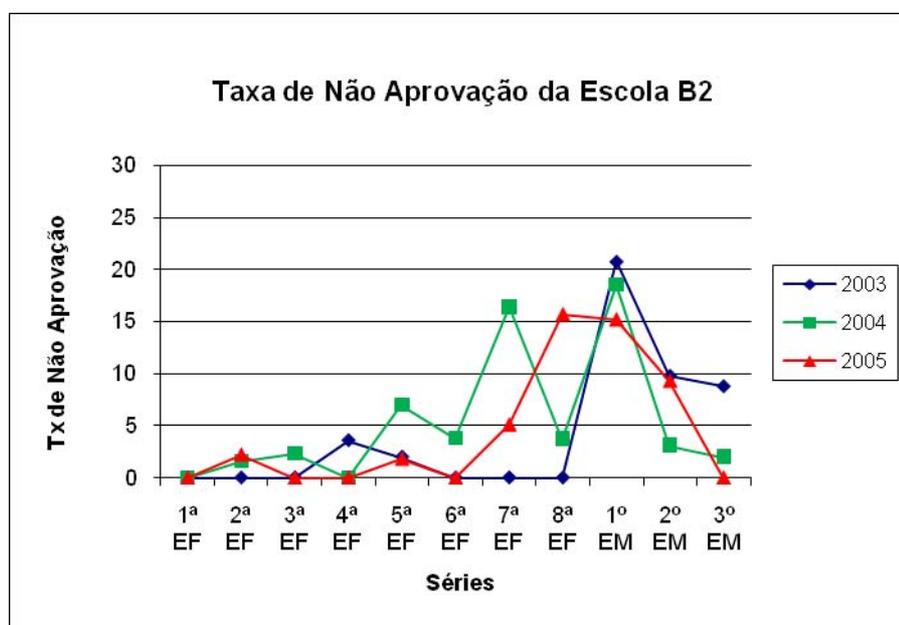
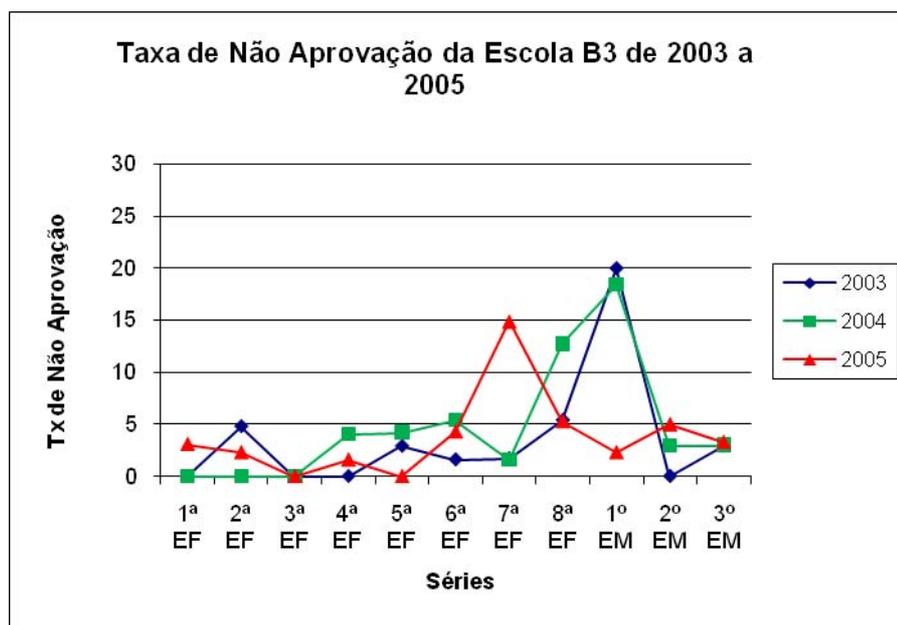


Gráfico 9 – taxa de não aprovação da escola B3 de 2003 a 2005



C. Escola de elite:

Ballion - Estabelecimentos para as classes altas:

aproximam-se do tipo anterior [estabelecimentos de excelência] no que concerne à clientela atendida. Porém, não se caracterizam pela excelência escolar, mas sim pela garantia de um meio social seletivo e por um tipo de socialização, feito de práticas ‘mundanas’ – que reforça o pertencimento às elites (exemplo: dança clássica, concerto, teatro etc.). (ibid, p. 53)

Este estabelecimento fez parte do *survey* desenvolvido pelo SOCED em 2002 e 2004, aplicado em nove escolas de prestígio²⁸ da cidade do Rio de Janeiro. O universo desta investigação foi constituído por duas escolas confessionais, duas bilíngues, duas “alternativas”²⁹, duas escolas públicas e uma escola judaica. O *survey* foi composto de três questionários – alunos, pais e professores – e foi aplicado nas turmas de 8ª série. Como a aplicação do questionário dos alunos foi em sala de aula, tivemos pouquíssimas abstenções. No *survey*, na resposta do bairro de moradia da escola C1, apenas três alunos entre 77 assinalaram bairros da

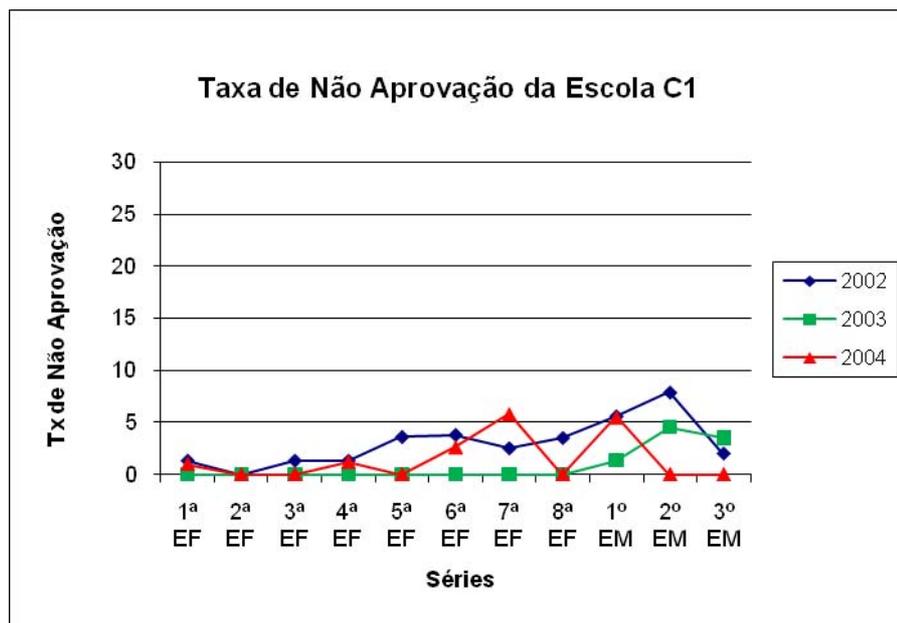
²⁸ As escolas investigadas foram selecionadas principalmente com base no desempenho de seus egressos aprovados nos exames de vestibular para os cursos e universidades mais procurados, assim como nas notícias da mídia impressa carioca, que anualmente divulga rankings das escolas consideradas melhores, conforme a aprovação no vestibular da UFRJ.

²⁹ Dentro da categorização de Ballion: “estabelecimentos inovadores”.

zona norte. Além disso, os pais assinalaram as maiores rendas familiares, junto com outra escola bilíngue, dos nove estabelecimentos da pesquisa do SOCED³⁰.

A escola C1 é a que apresenta as menores taxas de não aprovação, que provavelmente se devem ao tipo de clientela que a escola possui. Sendo famílias das camadas mais altas, que pagam mensalidades nada modestas, normalmente esse grupo não se expõe ao fracasso escolar, porque seu futuro não é tão dependente de seu resultado escolar, como o é para as camadas médias. Uma das coordenadoras da outra escola bilíngue, que tem um perfil muito parecido com a escola C1, disse textualmente que eles não reprovavam seus alunos, pois não haveria nenhuma escola similar no Rio de Janeiro para onde eles pudessem ir caso tivessem problemas escolares. Muito diferente da escola A1 como veremos nos próximos capítulos onde a reprovação é alta.

Gráfico 10 – taxa de não aprovação da escola C1 de 2003 a 2005



³⁰ Ver Mandelert(2005).

D. Empresas educacionais:

em comum, todas têm o fato de serem estabelecimentos leigos e possuem como mantenedora uma empresa privada de médio ou grande porte que mantém diversas filiais (Paes e Carvalho - 2004,114)

Essa escola não possui filial, mas é um estabelecimento leigo e é uma empresa. Sua curva é similar às curvas das escolas confessionais, mas com diferenças básicas no ensino médio: quase 30%, no primeiro ano do ensino médio, acima de 20% no 2º ano, em contrapartida nenhuma reprovação no 3º ano.

Gráfico 11 – taxa de não aprovação da escola D1 de 2003 a 2005

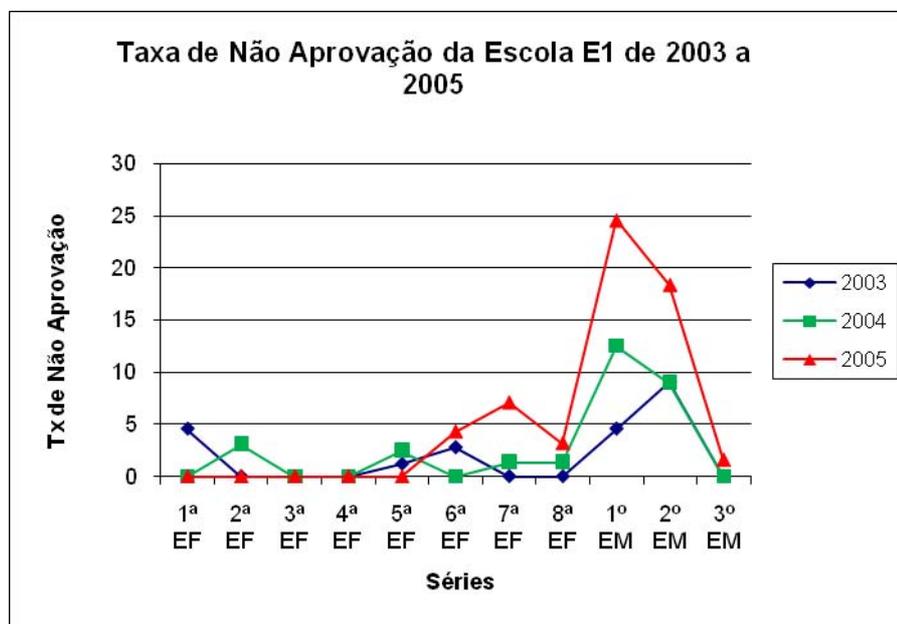


E. Uma escola judaica –

A escola judaica que pode ser caracterizada entre os “estabelecimentos de excelência” e os “para as classes altas”. Ao mesmo tempo em que busca e oferece uma alta performance acadêmica, garante à sua clientela um meio social seletivo. Vemos características semelhantes às escolas que reprovam muito no início do ensino médio para depois não reprovar ninguém no 3º ano. A escola judaica oferece também uma educação judaica que é muito difícil de receber em outros meios acadêmicos. Daí a necessidade de manter uma taxa mais baixa até a 8ª série do ensino fundamental. No ensino médio a preparação para o vestibular torna-se o foco do estabelecimento a formação

judaica fica com um papel secundário. A escola para manter-se como uma opção interessante para própria comunidade tem que oferecer não só a formação judaica como o bom desempenho no vestibular.

Gráfico 12 – taxa de não aprovação da escola E1 de 2003 a 2005



F. Uma escola pública federal – escola sempre presente no ranking das melhores do Rio de Janeiro, mas não faz parte nem da tipologia de Ballion, nem da de Paes e Carvalho.

A escola pública que esteve entre as melhores do Enem não teve dados do censo para o ano de 2003. Por isso coloquei no gráfico os dados de 2002. Interessante notar que as curvas de 2004 e 2005 são muito parecidas e mais uma vez repetem o padrão das demais com duas elevações de não aprovação, uma no segundo segmento do ensino fundamental e outra no 1º ano do ensino médio. A curva de 2002 é diferente, pois não tem essa acentuação no ensino médio; o ápice é atingido na 7ª série.

Gráfico 13 – taxa de não aprovação da escola F1 de 2003 a 2005



G. Escolas Bilíngues

Presentes entre as melhores do Enem, essas duas escolas bilíngues atendem alunos das camadas médias altas. As linhas do gráfico da escola G1 sugerem que mantenha os padrões das outras escolas, com a diferença de a não aprovação ser um pouco alta na 8ª série. A escola G2, no entanto, apresenta na linha de 2005 nenhuma não aprovação a partir da 3ª série, pode ser que tenha havido uma mudança de política na escola, ou então os dados não refletem a realidade escolar.

Gráfico 14 – taxa de não aprovação da escola G1 de 2003 a 2005

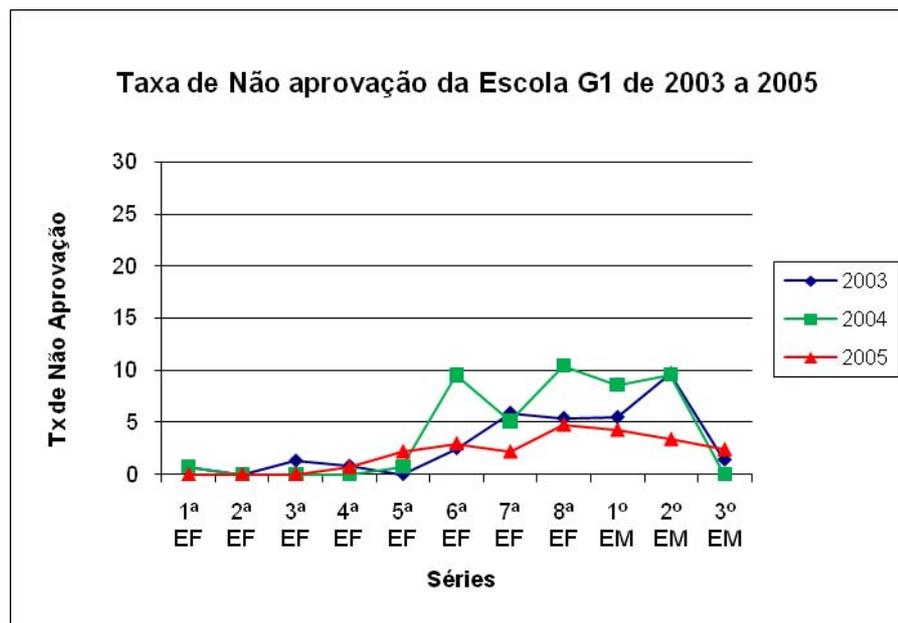
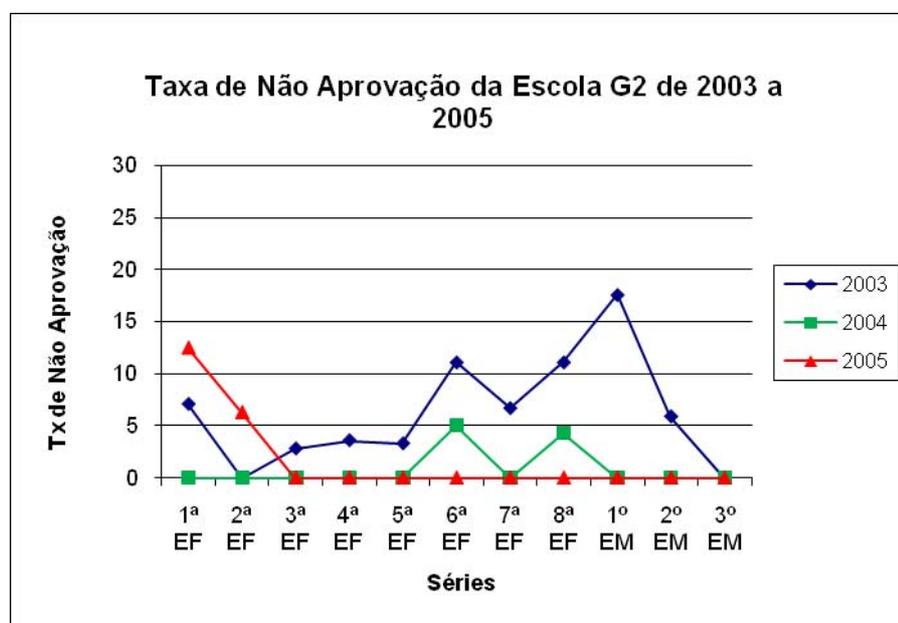


Gráfico 15 – taxa de não aprovação da escola G2 de 2003 a 2005



3.4 Considerações parciais

O alto valor das taxas em algumas escolas aponta para a reprovação como um mecanismo de seletividade fundamental na construção da imagem de excelência dessas escolas. Mesmo que os dados do censo possam não retratar perfeitamente a situação das não aprovações nestas escolas, tendo em vista as diferenças encontradas para a escola A1 e A2

Este primeiro panorama fez com que fosse possível perceber mais uma vez que a repetência nas escolas privadas de prestígio, assim como nas escolas públicas de prestígio, não é um acontecimento isolado.

O fato das reprovações apresentarem um padrão no momento em que elas acontecem é uma indicação de que a reprovação é um mecanismo escolar firmemente implantado no sistema educacional brasileiro. As características individuais dos alunos devem ter sua importância, mas mais do que isso, a reprovação, faz parte da lógica dessas escolas.